



Ômicron provoca a primeira morte

Reino Unido confirma vítima da nova variante, que responde por 40% dos casos da covid-19 em Londres, e não descarta mais restrições. Espanha admite transmissão comunitária. China detecta cepa

» RODRIGO CRAVEIRO

O premiê do Reino Unido, Boris Johnson, anunciou, ontem, o primeiro óbito conhecido no mundo atribuído à cepa ômicron do Sars-Cov-2. “A ômicron está provocando hospitalizações e, infelizmente, confirmamos que ao menos um paciente morreu por essa nova variante”, declarou o chefe de governo, durante visita a um dos centros de imunização para a aplicação da terceira dose contra a covid-19.

A taxa de transmissão da ômicron tem aumentado nos últimos dias. Somente ontem, 1.576 casos foram reportados pelas autoridades no Reino Unido — 20% das infecções foram causadas pela ômicron. Em Londres, o índice aumenta para 40%. Johnson não descarta impor novas restrições “nacionais severas” às vésperas do Natal.



O primeiro-ministro não divulgou detalhes sobre a morte. Não se conhece o nome do paciente, a idade, o local onde vivia e se estava vacinado ou não. “Parece que esta é a primeira morte confirmada pela ômicron”, admitiu um porta-voz do Centro Europeu para a Prevenção e o Controle de Doenças (ECDC). “No entanto, muitos casos não estão sequenciados genômica-mente”, acrescentou.

Diretor do Instituto Rosalind Franklin da Universidade de Oxford, o britânico James Naismith admitiu ao **Correio** que uma única morte representa uma tragédia, mas assegurou que o anúncio feito por Johnson nada diz sobre a doença. “A razão para o alarme da comunidade científica está no fato de que a cepa se espalha rapidamente, tanto entre os vacinados quanto

restrições “nacionais severas” às vésperas do Natal. O primeiro-ministro não divulgou detalhes sobre a morte. Não se conhece o nome do paciente, a idade, o local onde vivia e se estava vacinado ou não. “Parece que esta é a primeira morte confirmada pela ômicron”, admitiu um porta-voz do Centro Europeu para a Prevenção e o Controle de Doenças (ECDC). “No entanto, muitos casos não estão sequenciados genômica-mente”, acrescentou. Diretor do Instituto Rosalind Franklin da Universidade de Oxford, o britânico James Naismith admitiu ao **Correio** que uma única morte representa uma tragédia, mas assegurou que o anúncio feito por Johnson nada diz sobre a doença. “A razão para o alarme da comunidade científica está no fato de que a cepa se espalha rapidamente, tanto entre os vacinados quanto

Tolga Akmen/AFP



Pedestre diante do Mural do Memorial Nacional da Covid, em Londres: corações alusivos aos 146.896 mortos pela covid-19

Eu acho...

“Ainda não sabemos o nível de doença que a ômicron resultará. Espera-se que a imunização torne a doença menos grave. É muito improvável que a ômicron seja pior do que a variante delta em termos de sintomas, como tem sido visto na África do Sul. No entanto, não há boas evidências de que ela seja mais branda do que a delta. Até mesmo as pessoas triplamente vacinadas, se contraírem a cepa, quase certamente apresentarão sintomas leves.”

James Naismith, diretor do Instituto Rosalind Franklin da Universidade de Oxford (Reino Unido)



nos recuperados da covid-19. A doença é leve para a maioria das pessoas, mas perigosa para a camada vulnerável da população, especialmente os idosos”, disse. “Se a ômicron causar hospitalizações, como uma parte da cepa

delta, isso sobrecarregará o sistema de saúde.”

Naismith reconhece o potencial infeccioso da ômicron e explica que a cepa se dissemina “muito rapidamente”. “Para 100 pessoas que testam positivo para

a covid-19 em Londres, 40 têm ômicron. Nós devemos esperar que a variante represente a maioria dos casos até o fim de semana. É provável que isso ocorra em cada país onde a cepa se estabelecer. Há evidências de que a terceira dose da vacina pode reduzir a propagação”, comentou.

O especialista crê que em breve a ciência saberá se a ômicron tem, ou não, o potencial de sobrecarregar o sistema de saúde. “Não devemos ter medo, mas fazer tudo o que pudermos para vacinar o mundo”, acrescentou Naismith, ao confidenciar que tomou a terceira dose no domingo.

Prematuro

Jacqueline Coetzee, presidente da Associação Médica da África do Sul e a primeira especialista a detectar a cepa ômicron, afirmou à reportagem que é muito cedo para uma reação de alerta extremo da

comunidade internacional ante a confirmação da morte do Reino Unido. “Esteja certo de que a ômicron provoca um quadro predominantemente leve. Seria interessante saber se a pessoa que entrou em óbito estava vacinada, se sofria de outra doença e se esteve hospitalizada — e por quanto tempo”, disse.

Segundo Coetzee, estadistas do mundo todo têm a obrigação de fornecer vacinas à população e orientá-la a prevenir o contágio pela ômicron. Ontem, o presidente sul-africano, Cyril Ramaphosa, testou positivo para a covid-19. “Estou certa de que ele tem ômicron.”

Por sua vez, a Espanha revelou que a maioria dos 36 casos da ômicron ocorreram por transmissão comunitária. Dezenove infectados não têm ligação com viagens a países de alto risco. Também ontem, a China confirmou a primeira infecção pela variante, na cidade de Tianjin (nordeste).

ORIENTE MÉDIO

AFP



Naftali Bennett (D) recebido pelo xeque Al-Nahyan

Premiê de Israel faz visita inédita aos Emirados

Pouco mais de um ano após o restabelecimento das relações diplomáticas, Israel e Emirados Árabes deram um significativo passo para avançar na conexão entre os dois países. O primeiro-ministro de Israel, Naftali Bennett, reuniu-se, ontem, com o príncipe herdeiro de Abu Dhabi, na primeira visita, já considerada histórica, de um alto líder do Estado Judeu à nação da península Arábica. “Há uma nova realidade (no Oriente Médio)”, assinalou Bennett, recebido pelo xeque Mohamed bin Zayed Al Nahyan, em seu palácio privado.

A conversa durou mais de quatro horas, segundo assessores do premiê israelense. De acordo com a agência oficial de notícias dos Emirados, WAM, o príncipe herdeiro externou a expectativa de que a visita “contribua para uma maior cooperação em benefício dos povos de ambos os países e da região”. Por sua vez, Bennett, que chegou ao Golfo no domingo à noite, também apostou em um novo momento nas relações. “Vamos trabalhar juntos para garantir um futuro melhor para nossos filhos”, disse à WAM.

Mais tarde, em um vídeo após o fim da visita, destacou que houve “discussões relevantes, profundas e diretas sobre os dois países, a região, nossas economias e tecnologias e o que podemos fazer juntos”. “Volto para Israel muito otimista, porque essa relação (com os Emirados) poderia ser um exemplo de como alcançar a paz no Oriente Médio”, assinalou.

Em 15 de setembro do ano passado, Emirados Árabes Unidos e Bahrein se tornaram os primeiros países do Golfo a normalizar publicamente suas relações com Israel, estimulados pelo então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e seu genro, Jared Kushner, idealizador da estratégia. O plano tem como base os chamados Acordos de Abraão, que deram origem a pactos similares com Marrocos e Sudão.

Acordos

Desde a aproximação, Emirados e Israel assinaram vários acordos em setores que vão do turismo à aviação, passando pelos serviços financeiros. Além de se reunir com o príncipe herdeiro, Bennett também teria reuniões sobre tecnologia, cultura e investimentos, segundo informou uma fonte da delegação israelense — os encontros não foram confirmados oficialmente.

A visita de Naftali Bennett a Abu Dhabi coincide com a negociação, em Viena, das negociações para salvar o acordo nuclear iraniano entre Teerã e as cinco principais potências mundiais — Estados Unidos, Rússia, China, França, Alemanha e Reino Unido. Os Emirados Árabes, embora compartilhem com Israel a animosidade à República Islâmica, continuam sendo um importante sócio econômico do país. Nas últimas semanas, a região foi palco de um verdadeiro baile diplomático, até agora sem muitos resultados.

TORNADOS NOS EUA

Cidade arrasada conta seus corpos

Até a noite do último sábado, Mayfield era uma cidade de pouco mais de 9,8 mil moradores, situada no extremo sudoeste do estado de Kentucky. Quando a noite mais tenebrosa da história da região passou, a claridade do dia deu lugar a um cenário de guerra. Pelo menos 75% das casas de Mayfield foram transformadas em escombros pela histórica série de tornados.

A catástrofe deixou ao menos 88 mortos, 65 deles em Kentucky — as vítimas têm entre 5 meses e 86 anos. Mais de 100 pessoas estão desaparecidas. Em Mayfield, o maior número de mortos são funcionários de uma fábrica de velas que desabou. “Pode levar semanas até termos uma contagem final das mortes e dos níveis de destruição”, desabafou Andy Beshar, governador de Kentucky. O presidente norte-americano, Joe Biden, anunciou que visitará a região amanhã. No domingo, o democrata se referiu ao evento climático como “uma das piores séries de tornados” na história dos EUA.

De acordo com a rede de TV CNN, um dos tornados deslocou-se por 204km em Kentucky. “O tornado passou a cerca de 2,4km de minha casa, que não sofreu danos, mas ele destruiu um bocado da cidade. O corpo de uma criança foi encontrado pendurado em uma árvore. A devastação por aqui está além de qualquer palavra”, desabafou ao **Correio** Joe (ele não quis o sobrenome revelado), 35 anos, um operador de empilhadeiras que se escondeu dentro de um armário com a mulher e os três filhos pequenos, por pelo menos duas horas, na noite de sábado.

“Nossa casa tremia, assobiava por causa do vento forte. Podíamos escutar o barulho de coisas se partindo. Tivemos muita sorte. Três colegas de trabalho perderam suas casas, e eles não têm seguro”, relatou Joe. “A residência de uma mulher, que morava no centro da cidade, desmoronou e matou a filha dela, de 3 anos. Mayfield jamais será a mesma. É terrivelmente

Brendan Smialowski/AFP



Moradores de Mayfield se abraçam diante de escombros: 75% das construções desmoronaram

horrível”, acrescentou. Ontem, cerca de 28.500 pessoas estavam sem acesso à eletricidade em Kentucky. Foi o caso de Joe, cuja residência ficou sem energia elétrica, sem aquecedor e sem água.

No domingo, a Casa Branca decretou Kentucky “área de catástrofe maior” — uma medida emergencial para destravar a liberação de recursos federais. Enquanto a reconstrução não começa, os moradores de Mayfield que foram menos afetados se mobilizaram para ajudar os

desabrigados e para buscas a sobreviventes sob os escombros. No Facebook, grupos foram criados para a arrecadação de donativos e o recrutamento de mão de obra. Ou, simplesmente, para devolver aos moradores algum tipo de conforto. “Meu marido achou isto enquanto ajudava lá fora, mais cedo. Por favor, deixem-nos saber se isso é de vocês ou de seus familiares”, escreveu Amanda Leukhardt, sobre a foto de um casal sorridente com uma criança no colo.

Em outra mensagem, uma mulher abria uma campanha para custear o funeral do marido, com quem tinha duas filhas pequenas. “Em um piscar de olhos, perdi tudo: minha casa, meu carro, mas algo que dinheiro nenhum pode substituir — o amor da minha vida, meu marido e pai de minhas duas crianças”, desabafou. Até a noite de ontem, ela tinha conseguido US\$ 660 de US\$ 5 mil solicitados. (RC)